

AMÍLCAR DE CASTRO

EM RETROSPECTIVA

Tribunal de Contas
de Minas Gerais,
em Belo Horizonte, 1995

POR JOSÉ FRANCISCO ALVES



Obras de Amílcar na retrospectiva do MAM

Retrospectivas são momentos necessários para um melhor entendimento da obra de determinado artista, em especial de um mestre reconhecido. Com o aprimoramento da atividade curatorial no Brasil nos últimos trinta anos, o enfoque da produção dos grandes artistas vem recebendo aportes significativos, por meio de curadores que prezam pela pesquisa e abordagens fundamentadas.

Entre novembro de 2014 e fevereiro de 2015, foi realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro uma ampla retrospectiva de Amílcar de Castro (1920-2002), o mineiro que foi um dos gênios da escultura moderna brasileira. A mostra, sob curadoria de Paulo Sérgio Duarte, foi o que se pode chamar de uma exposição *de fôlego*, no sentido de uma representação do artista em vários suportes e com trabalhos de várias coleções, públicas e particulares. Em 2005, Duarte também foi o curador-geral da 5ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre), a qual teve Amílcar como homenageado, com nada menos que cinco exposições em quatro espaços distintos (esculturas, pinturas, artes gráficas, arte pública e mostra biográfica).

“*No início, o plano dobrado foi uma maneira de expressar seu encanto pela unidade tripartida de Max Bill.*”



Mármore na Bienal do Mercosul, 2001



FOTO: DIVULGAÇÃO

Sem título, década 1980

Entre os artistas que têm sua produção marcada com força e coerência por determinada característica formal, assunto ou técnica específica, Amílcar é o escultor do *corte e dobra* do aço. E não restam dúvidas de que essa foi a sua marca distintiva, paulatinamente desenvolvida ao longo de sua trajetória. Sua primeira obra significativa, no rol dos primeiros impactos da influência concreta na América do Sul, foi uma escultura dobrada com chapa de cobre, na 2ª Bienal de São Paulo (1953), a qual se constituiu na célula *mater* de sua plástica: o desdobramento do plano como forma de moldar a terceira dimensão.

A chegada ao material preferido, *ideal*, o domínio das técnicas artesanais e, principalmente, o conhecimento das tecnologias industriais da dobradura do aço, fizeram-no “manusear” grossas chapas de corten como se fossem origamis monumentais. Assim, no sentido geral, esta, sem dúvida, foi sua contribuição maior. Porém, a retrospectiva do MAM nos mostrou, mais uma vez, que Amílcar de Castro foi muito além da criação desse procedimento construtivo. Ele nos propôs muito mais no seu rumo coerente, pois jamais abandonou a experimentação. Apesar das aparências, sua obra foi bastante inquieta.

Em uma cuidadosa observação, percebe-se que essa experimentação esteve presente praticamente em toda a sua carreira, entre 1952 e 2002. No início, o plano dobrado foi uma maneira de expressar seu encanto pela unidade tripartida de Max Bill. Ao mesmo tempo, utilizou o vidro como estudo de plano vertical e blocos de madeira em combinações modulares. E nada menos que nos últimos cinco anos de sua vida foi onde a obra dele apresentou inovações mais significativas. Foi uma

“ A experimentação esteve presente em praticamente toda a sua carreira. ”



FOTO: DIVULGAÇÃO

Sem título, 2001.

época de encarar novos desafios, reprocessando velhos problemas com rapidez e arriscando novos materiais.

Entre as práticas correntes de Amílcar de Castro também se identifica o retorno a questões e procedimentos anteriores como uma nova questão, uma retomada de trabalho em escala maior ou na alteração do material original. Um exemplo são os monumentais “sólidos geométricos”, a partir de 2000, cuja preocupação com o “espaço cúbico” já havia nascido naqueles mesmos blocos de madeira dos anos 1950, estes absolutamente experimentais no sentido estrito do termo. E ao mesmo tempo em que a tecnologia industrial propiciou essas “mesmas” obras gigantes de aço, as técnicas primevas de cantaria propiciaram igualmente os blocos em mármore. Uma dessas esculturas em pedra, a obra pública existente no interior de Santa Catarina, restou como a única monumental nesse material, infelizmente. Por fim, é importante frisar que Amílcar se preocupava muito com a arte pública. Em 1992, ele afirmou que a obra em “praça pública” é de “absoluta importância”, capaz de “mostrar ao homem comum uma obra de arte, dando-lhe a oportunidade do convívio até se acostumar, até que seja natural esse convívio”. Em alerta sempre atual, considerou também que, “comprovadamente, o povo que conviver com um grande número de obras de arte tem melhores condições de decisão e ação, inclusive para a escolha de seus governos e governantes”. A obra de Amílcar de Castro lamentavelmente não se encontra representada nos museus do país como deveria, mas pode ser apreciada ao ar livre em diversas cidades brasileiras, bem como na Alemanha, Venezuela, Inglaterra e Japão. 🔄

FOTO: PAULO JABUR



Obras de Amílcar no espaço externo do MAM



FOTO: DIVULGAÇÃO

Sem título, década de 1980